

Piauí

DEIXAR A CIDADE GRANDE PELO CAMPO: A história de fé e coragem de Hélio e Antônia



O casal e a igreja ministério Resgatando Vidas, em construção

Deixar o lugar onde se mora no interior, e arriscar a vida nas grandes metrópoles por um futuro melhor, foi a realidade de muitas pessoas dos semiáridos durante décadas. Atualmente, nos deparamos com várias histórias de pessoas que estão abandonando a correria das grandes cidades para viverem no campo. Assim fizeram Antônia de Araújo Pereira de 54 anos e Hélio de Andrade Araújo Pereira de 53, um casal de pastores evangélicos que são casados há 27 anos, moraram no Rio de Janeiro por mais de 30 anos e hoje vivem de Agricultura Familiar e criação de galinhas na comunidade Engano de Baixo, município de Lagoa de São Francisco, no Piauí.

Hélio é natural de Campina Grande, na Paraíba, e Antônia de Lagoa de São Francisco no Piauí. Os dois se conheceram no Rio em 2007 e apesar das dificuldades, tinham uma vida estável na cidade, trabalhando com carteira assinada e ministrando uma igreja evangélica. Em 2022, Antônia resolveu viajar ao Piauí para visitar as irmãs que há 13 anos não via, na comunidade Engano de Baixo, e não sentiu mais vontade de voltar para o Rio: *“eu já estava com o valor da passagem de volta e Deus falou comigo. Lá no Rio de Janeiro nós tínhamos um ministério, as pessoas foram saindo aos poucos e a gente não conseguia entender o porquê. No mês de eu viajar para cá, uma missionária ficou com a chave da igreja e fazendo as consagrações, sendo que aqui na comunidade eu já estava pregando para algumas pessoas. Foi aí que eu obtive a resposta que aqui era o nosso novo lugar”*, afirma a pastora e agricultora.

Quando contou para Hélio o desejo de permanecer no Piauí, ele também se animou e começaram a vender o que tinham no Rio de Janeiro para iniciar uma vida nova no Piauí. O início da vida no campo foi marcado por dificuldades não esperadas pelo casal: *“era um balde de água para nós dois tomarmos banho”*, relata a agricultora se referindo à escassez de água. Ainda em 2022, investiram tudo o que tinham na construção da igreja da comunidade.

O tempo foi passando e o casal pensou em desistir da vida no campo e voltar para o Rio. Foi quando o casal conheceu o Programa Uma Terra e Duas Águas(P1+2), da Articulação Semiárido Brasileiro(ASA), por meio do Centro Regional de Assessoria e Capacitação(CERAC), que sua vida começou a mudar.



A cisterna calçadão do casal ao fundo da igreja



Hélio trabalhando na construção de uma cisterna do P1+2

A casa onde o casal mora é cedida por um sobrinho de Antônia, Antônio Marcos, e fica ao lado da casa onde ela nasceu e nela já tinha uma cisterna de água de beber. “Chiquinho (Francisco Rodrigues da Silva, animador de campo do CERAC) parou aqui e perguntou se a gente queria uma cisterna de produção, e nós respondemos que sim, mas que não tínhamos casa própria, e só um terreno ali”, lembra Hélio.

O terreno onde foi construída a cisterna calçadão do casal foi herança do pai de Antônia e fica no fundo da igreja que está sendo concluída. Quando os pedreiros estavam construindo a cisterna, Hélio viu que podia contribuir com as construções, se disponibilizou para trabalhar também como cisterneiro, e logo foi contratado pelo CERAC. A renda do casal hoje vem do Bolsa Família e o dinheiro que entra a partir da construção das cisternas tem contribuído na renda do casal, sendo investido na construção da casa própria, que fica no terreno.

Antônia, que trabalhava de empregada doméstica e cuidadora de idoso no Rio e nunca se imaginou vivendo de agricultura familiar e criação de animais, afirma que só pensa em voltar ao Rio de Janeiro para matar a saudade dos filhos, netos e amigos que lá ficaram. Mas também desejam seguir aprimorando e fortalecendo a casa e a produção. A expectativa do casal de agricultores com o valor do Fomento Rural, que faz parte do projeto, e com a mudança para a casa própria, é de aumentar o seu criatório de galinhas para aumentar a produção de ovos e começar a produzir hortaliças, para venda e consumo próprio, para assim terem mais segurança financeira e alimentar.

“Nunca me imaginei aqui, sem água, sem casa, sem trabalho, sem as minhas coisas que eu tinha lá, mas isso foi no começo, as coisas estão mudando, depois que começamos a criar nossas galinhas, não falta ovo, e com a cisterna agora, não vai faltar mais água. Hoje não me imagino sem uma cisterna, porque a água que vem da rua cai uma vez ou outra, e a da cisterna fica armazenada e dá para usar o ano todo”, conclui Antônia.

